DECISÃO Confronto de hoje entre Messi e Modric está em cartaz e invade as telas do planeta

Uma semifinal de cinema

MARCOS PAULO LIMA
Enviado especial

16h (de Brasília)	Estádio	Semifinal	Transmissão
	Icônico de Lusail	Jogo único	Globo e SporTV

ARGENTINA

Emiliano Martínez; Molina, Cristian Romero, Otamendi e Tagliafico; Enzo Fernández, De Paul e Mac Allister; Lionel Messi, Julián Álvarez e Ángel Di María
Técnico: Lionel Scaloni

CROÁCIA

Dominik Livakovic; Juranovic, Lovren, Gvardiol e Sosa; Brozovic, Luka Modric e Kovacic; Vlasic (Pasalic), Andrej Kramaric e Ivan Perisic
Técnico: Zlatko Dalic

Árbitro: Daniele Orsato (ITA)

Doha — A primeira semifinal da Copa do Mundo no Catar é protagonizada por duas seleções cinematográficas. Ambas viraram roteiro de filme e mereceriam concorrer ao Oscar da Bola de melhor documentário se houvesse essa categoria no badalado Fifa The Best, a festa anual de gala da Fifa para distribuir premiações individuais e coletivas.

Renascida em 1991 depois da independência da extinta Iugoslávia, a Croácia é tema de um filme embargado por direitos de imagem da Fifa. Produzido pelos mexicanos Edson Ramírez, Alfredo Sánchez e Jorge Linares, a película *Vatreni* foi lançada antes da estreia da seleção na campanha do vice na Rússia, em 2018, mas pouquíssimo assistiram por restrições impostas pela entidade máxima do futebol. A Argentina também é longa. Campeã continental em 2021, no Maracanã, a seleção virou a série *Sejam Eternos: campeões da América*. Hoje, às 16h (de Brasília), no Estádio Icônio de Lusail, os dois países decidirão qual deles entrará em cartaz no próximo domingo na finalíssima contra França ou Marrocos.

Se quiserem, os técnicos Lionel Scaloni e Zlatko Dalic podem usar uma sessão de cinema com direito a pipoca para pilhar os artistas Lionel Messi e Luka Modric nas respectivas preleções antes da partida. No ano passado, a Argentina derrotou o Brasil por 1 x 0, no Maracanã, conquistou a Copa América e encerrou 28 anos de jejum. A esquadra principal não ganhava nada desde 1993 e saiu do Maracanã com o troféu graças ao gol de Ángel Di María.

O impacto da conquista foi imediata. A plataforma de streaming Netflix produziu uma série dividida em três episódios para contar a saga alviceleste no Brasil em uma competição sem torcida, portões fechados até a semifinal e acesso restrito na decisão, no Rio. Messi é o ator principal, óbvio, com espaço para os coadjuvantes Di María e Otamendi.

Embora seja a atual vice-campeã, a Croácia tem um filme sobre outra geração. O documentário *Vatreni* conta a história da seleção terceira colocada em 1998, na França. A trupe do centroavante Davor Suker tinha jogadores filhos da guerra separatista da Iugoslávia, como o craque Proscineck. A campanha heroica na Copa inspirou os mexicanos Edson Ramírez, Alfredo Sánchez e Jorge Linares a lançar *Vatreni* em 2018, antes da Copa da Rússia, quando o maior feito do futebol croata, até então, completava 20 anos.

O documentário foi apresentado pelos diretores ao treinador Zlatko Dalic antes do embarque da seleção croata para Moscou. Encantado, o diretor prometeu uma apresentação avant-première na concentração da equipe antes da estreia contra a Nigéria e inflamou o elenco. O filme mescla a guerra de independência do país e futebol. Foi o combustível para pilhar Modric e companhia contra todos os adversários, inclusive a Argentina, na segunda rodada, na vitória por 3 x 0.

"Tivemos a oportunidade de apresentar o documentário ao técnico da Croácia uma semana antes de viajarem para a concentração. Ele respondeu que o momento era maravilhoso para mostrar aos jogadores", conta o produtor mexicano Edson Ramírez.

O nome Vatreni não é aleatório. Trata-se do apelido da seleção croata. "Vatreini é aquele fogo que há dentro de você, no seu corpo, e você precisa deixar sair, como uma paixão que faz de você quem você é. Quando a seleção começou a jogar de forma independente, o apelido virou símbolo de ferocidade", explica o cineasta mexicano.

A produção é restrita por causa de usos de imagem de 1998 da Copa da Fifa. Há embargo pesado para exibição em qualquer plataforma. A liberação é condicionada à compra dos direitos. "Nós podemos pagar com recursos próprios para uma exibição, mas estamos à espera de ajuda para desembolsar pelos direitos para exibição internacional", relatou o outro documentarista, Alfredo Sánchez. Em 2018, o direito por exibição custava US$ 15 mil.

Croácia reclama do cansaço; Argentina abafa polêmica

A final da Copa do Mundo só se repetiu em duas edições consecutivas uma vez. Alemanha e Argentina disputaram o título em 1986, no México, e em 1990, na Itália. O desafio da Croácia contra a Argentina é superar o cansaço de duas prorrogações com decisões por pênaltis contra Japão e Brasil, eliminar a Argentina e agendar revanche contra a França.

Na entrevista coletiva de ontem, no Qatar National Convention Centre, o técnico Zlatko Dalic admitiu: o elenco está com as pernas pesadas. "Se conseguirmos a vitória, será a maior partida de todos os tempos para a Croácia. Tem sido cansativo chegar à prorrogação", admitiu. Na verdade, a seleção dele é masoquista.

No mata-mata de 2018, a Croácia eliminou Dinamarca, Rússia e Inglaterra nos pênaltis ou no tempo extra antes da decisão contra a França. O enredo segue o mesmo nesta edição. A resiliente seleção desbancou Japão e Brasil nos pênaltis depois de começar perdendo.

Os comandados de Lionel Scaloni também disputaram pênaltis nas quartas contra a Holanda. Ontem, Lionel Scaloni defendeu os pupilos das polêmicas do jogo passado. Os jogadores tripudiar da Laranja Mecânica depois do triunfo. "Nós sabemos ganhar e perder. Nós respeitamos a Holanda, respeitamos a Croácia, que sempre joga igual e não vai mudar agora. Não é nem ofensiva e nem defensiva: a Croácia joga bem. Esperamos um jogo muito complicado", comentou o treinador.

Jack Guez/AFP

O desgaste pode pesar para a Croácia: europeus vêm de duas classificações tensas em decisões por pênaltis

Nada é tão complicado quando se tem quem desate nós táticos. O camisa 10 Lionel Messi é o cara da Argentina na Copa com quatro gols e duas assistências. Se fizer um gol, hoje, o jogador eleito sete vezes melhor do mundo deixará o recordista Gabriel Batistuta para trás e se isolar como maior goleador da Argentina na história da Copa. Além disso, alcançará o colega de Paris Saint-Germain Mbappé na artilharia e agitará a possível final entre eles.

Modric é o destruidor de sonhos. Exterminou o Japão nas oitavas de final e determinou o ritmo da partida contra o Brasil nas quartas de final. Aos 37 anos, engoliu o meio de campo comandado por Tite. O melhor do mundo em 2018 brilha sem ter feito gol nem assistência. Voluntarioso, joga nada para ele — e tudo pelos companheiros. "Temos o melhor meio de campo do mundo", gabou-se o treinador depois da vitória contra o Brasil. **(MPL)**

24

jogos tem Messi em Copas. Hoje, ele pode igualar a marca do alemão Lothar Matthäus

Confira a festa da torcida argentina no Catar, na véspera da decisão contra a Croácia. No esquenta para a semfinal, os hermanos tomaram conta das duas da capital Doha

Coluna do Mauro Beting

Não tenho a menor ideia

Quem deve ser o técnico que vai assumir o lugar de Tite? Mais do que o nome, a CBF deve pensar nas ideias dele. E não precisa ser agora a definição. Pode ser até o final da temporada europeia, no meio de 2023, caso a entidade queira um nome de fora. Mas não por fora. Quase todos os principais talentos brasileiros atuam por lá. Como o principal surgido em tempos por aqui irá para lá em 2024 (Endrick). Qualquer treinador que tenha bagagem para a Seleção só precisa ser terráqueo para a tarefa. Ainda que a cobrança seja de outro planeta.

Diferentemente de quando Tite assumiu a seleção, em 2016, não há uma bola da vez. De lá para cá, ótimos trabalhos estrangeiros como os de Jorge Jesus e Abel Ferreira abriram campo e bancos para o nome de um estrangeiro. E, como sempre acontece, o passaporte parece valer mais do que a qualidade, e muito mais do que as ideias a serem treinadas e trabalhadas.

Não existe essa bola da vez. A não ser que se ache mesmo que Guardiola vai deixar o Manchester City para assumir o Brasil. Não temos dinheiro e nem poder de convencimento para isso. Para o meu gosto, Jurgen Klopp seria o nome. Até por ter uma capacidade de selecionador melhor que a de Pep. Mas também não vai deixar o Liverpool.

Carlo Ancelotti não me parece inviável. Gosta do Brasil, adora brasileiros e talvez fosse picado pela nossa música verde e amarela. José Mourinho? Já foi muito melhor. E não seria o melhor para a escola brasileira. Seja ela qual for.

O Bielsa é louco, mas não é tanto. Ou, pensando bem, se assumir o Uruguai, é ainda mais do que se imagina. Sampaoli? Muito bom, mas com problemas de relacionamento. Como Jorge Jesus. Não como Abel Ferreira. Mas convencer o palmeirense de Penafiel não vai ser fácil.

Vojvoda? Pezzolano? Ótimos trabalhos. Mas não sei. Dorival? Diniz? Mano? Cuca? Todos possíveis.

Insisto: não precisa ser agora. Thomas Tuchel chegou em janeiro de 2021 ao Chelsea, do meio pro fim da temporada em que acabou campeão europeu, em maio. Na anterior, Hans Flick assumiu o Bayern em novembro de 2019 para ganhar a Champions com 100% de aproveitamento, em agosto de 2020. Jorge Jesus montou o fantástico Flamengo de 2019 desde junho para ganhar a América e o Brasil em novembro. Em três meses de Palmeiras, Abel ganhou a Libertadores. Em cinco, Copa do Brasil. E o bi da Liberta em 12 meses.

Tem como dar jogo sem tempo. Também em seleção. Walid Regragui é do Marrocos desde 31 de agosto de 2022. Arrumou a casa, uniu o elenco, e segue muito além da encomenda. Mais ou menos como o croata Zlatko Dalic. Fez trabalho semelhante no país a partir de 7 de outubro de 2017. Em menos de 9 meses pariu uma seleção finalista de Copa. E agora vai para mais uma semifinal no lugar do Brasil.

O ideal seria uma linha sucessória que a CBF nunca teve. Nem a CBD. Em abril de 1958, Feola assumiu a Seleção que seria campeã na Suécia, no final de junho. Em 1970, Zagallo começou na seleção (que já estava reunida) em março, para ser tri em junho com o melhor Brasil de todos.

Não tem um manual de procedimento na CBF. Nem no futebol.